



## **“NA MINHA ÉPOCA O ENSINO ERA BOM, MESMO COM TODA A DIFICULDADE”: MEMÓRIAS SOBRE AS TRAVESSIAS DE UMA EDUCAÇÃO RURAL**

Grasielly dos Santos de Souza  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR  
grasiellysantossouza@yahoo.com.br

Mirian Maria Andrade  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR  
andrade.mirian@gmail.com

**Resumo:** Este trabalho considera as memórias de três ex-alunas de uma escola rural e dispara uma narrativa sobre a primeira década de funcionamento dessa Casa Escolar a partir dessas memórias. Nosso objetivo é, então, apresentar uma narrativa sobre a primeira década de funcionamento da Casa Escolar Lourenço Ormenezze (1961-1971), localizada na zona rural do município de Bandeirantes – PR, a partir das memórias destas ex-alunas. Este texto trata-se de um recorte de um trabalho de pesquisa mais amplo, apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Matemática, em que foram constituídas e mobilizadas narrativas de professoras e ex-alunas que vivenciaram a primeira década da Casa Escolar. Neste texto, em específico, a partir das memórias dessas três ex-alunas, disparamos uma narrativa em que são consideradas as estruturas da Casa Escolar, o cenário, os aspectos relacionados ao ensino, as metodologias de ensino e de aprendizagem, rotina e punições. É um trabalho em História da Educação Matemática e a metodologia que orientou a pesquisa é a História Oral.

**Palavras-chave:** História da Educação Matemática. História Oral. Narrativas. Casa Escolar Rural.

### **APONTAMENTOS INICIAIS**

Minha escola primária...  
A gente chegava “- Bença, Mestra”  
Sentava em bancos compridos,  
escorridos, sem encosto.  
Lia alto lições de rotina:  
o velho abecedário,  
lição salteada.  
Aprendia a soletrar.  
Tudo muito sério.  
Não se brincava.  
Muito respeito.  
Leitura alta.  
Cobria-se o debuxo.  
Dava-se a lição.  
Tinha dia certo de argumento

com a palmatória pedagógica  
em cena.  
Cantava-se em coro a velha tabuada.  
(*Cora Coralina*)

O trecho acima apresentado por Cora Carolina ao relembrar sua escola primária detém-se na descrição de um espaço e de um tempo. Entremeadas entre as lições e as características de um ensino, as marcas temporais e espaciais da memória ressurgem inscrevendo as experiências escolares da sua infância.

O espaço e o tempo escolares não podem ser considerados dimensões neutras de ensino ou simples esquemas formais ou, ainda, estruturas vazias da educação. De acordo com Escolano (1998, p.26) espaço e tempo escolares “operam como uma espécie de discurso que institui, em sua materialidade, um sistema de valores, um conjunto de aprendizagens sensoriais e motoras e uma semiologia que recobre símbolos estéticos, culturais e ideológicos”.

Neste trabalho apresentamos uma escola campesina, (re)memorada por mulheres, ex-alunas, e suas experiências relacionadas aos aspectos estruturais e aos processos de ensino e de aprendizagem vivenciados nos espaços e nos tempos escolares que lhes foram possíveis.

Alguns estudos dessa natureza vêm sendo desenvolvidos em História da Educação Matemática, pesquisas que olham para as trajetórias das instituições escolares, no qual assumem especial importância em relatos narrativos, estruturados “em torno a uma trama argumentativa em que uma sequência temporal, personagens em uma situação fazem com que os enunciados tenham sentido próprio no contexto do argumento” (GARNICA, 2015, p. 182-183).

O foco deste texto são as memórias de três ex-alunas relacionadas à primeira década de funcionamento da Casa Escolar Lourenço Ormenezze (1961-1971), localizada no Norte Pioneiro do Estado do Paraná, no município de Bandeirantes-PR. Para tanto, debruçamo-nos no aporte teórico metodológico da História Oral para realizar as entrevistas com as nossas colaboradoras e recolher os depoimentos, que foram transcritos, textualizados e analisados.

As memórias evocadas se referem à intensa vida na roça, sobressaindo o contexto de uma Casa Escolar que ofertava o ensino para a população, a dificuldade em frequentar a escola, a precariedade do ensino, o controle dos corpos, mas também os momentos alegres de brincadeiras, família e trabalho concorrem com a escola como importantes espaços.

Antes de tratar das memórias dessas mulheres, tecemos algumas considerações relativas ao que a literatura apresenta sobre o surgimento e as modalidades das Escolas Rurais do Norte do Paraná.

#### **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS ESCOLAS RURAIS**

“O sertão é do tamanho do mundo”

(Guimarães Rosa)

A colonização do Norte do Paraná se deu de forma intensa, os migrantes vindos de diversas partes do Brasil, à procura por um pedaço de terra para trabalhar e cultivar o café permitiu no início século XX, alguns debates sobre a expansão das escolas rurais. A partir da década de 1930 é que surgiram as primeiras políticas governamentais estaduais com vistas a levar a educação escolar ao campo. Um dos marcos para a educação foi a Constituição de 1934, que pela primeira vez estabeleceu o ensino rural como direito social e definiu um orçamento anual para a manutenção das escolas.

A euforia provocada pela expansão da cafeicultura no norte do Estado do Paraná engendrou sonhos e riquezas que estimulavam diferentes grupos sociais a se fixarem na região. As demandas escolares cresceram na medida em que se processava a reocupação dos espaços, isto é, em conformidade com o avanço do capitalismo e da cafeicultura, assim a demanda por educação nesses espaços aumentou expressivamente. Nesse cenário a escola rural foi estruturada com tais finalidades:

A escola primária rural foi pensada como uma política estadual, por dois fatores: primeiro relaciona-se à demanda criada, à formação das novas gerações que pudesse garantir a riqueza do estado associada ao rural; segundo, civilizar a população que habitava no meio rural, ensinar não só a ler, escrever e contar, mas hábitos de higiene e valorização da vida no campo (SCHELBAUER; GONÇALVES NETO, 2013, p. 88).

Apresentando condições mínimas de funcionamento e com muita precariedade, foi assim que surgiram as primeiras escolas rurais no norte do Paraná, tais escolas denominadas como escolas isoladas. Sobre essa precariedade, Faria Filho (2000, p.30) destaca:

Produzia-se a representação da “escola isolada”, aquela que funcionava na casa dos professores e em outros ambientes pouco adaptados ao funcionamento de uma escola pública de qualidade, como sendo um obstáculo quase que intransponível à realização da tarefa educativa.

As escolas isoladas exibiam suas instalações totalmente de madeira, nessas escolas a escassez de material pedagógico refletia no improviso das aulas ministradas pelo professor.

As aulas eram transcritas no quadro de giz, geralmente dividido em três ou quatro partes, devido ao número constante de turmas numa mesma sala de aula, o que caracterizava um ensino multisseriado. A professora assumia inúmeras funções, além de lecionar, era responsável pelo administrativo escolar, pela merenda e pela faxina. Lourenço Filho ressalta:

[...] a escola de um só professor, a que se entregam 40, 50 e às vezes mais crianças. Funciona quase sempre em prédio improvisado. É de pequeno rendimento, em geral, pelas dificuldades decorrentes da matrícula de alunos de todos os graus de adiantamento, falta de direta orientação do professor, falta de fiscalização, falta de material, falta de estímulo ao docente. É a escola típica dos núcleos de pequena densidade de população, a escola da roça, a escola capitulada de “rural” (LOURENÇO FILHO, 1940, p. 658).

Após a criação das escolas isoladas houve a implantação das Escolas de Trabalhadores Rurais, que apresentavam características únicas, buscando um ensino voltado a agricultura e a fixação do homem no campo, essas escolas apresentavam um ensino diferenciado para os sexos masculinos e femininos, conforme nos dizeres de Souza,

[...] podemos ter uma visão de características bem marcantes nas Escolas de Trabalhadores Rurais, sendo elas: um ensino voltado à preparação e ao cultivo da agricultura e atendimento de ambos os sexos. No entanto, percebemos que os objetivos da escola eram diferentes para as mulheres e para os homens. Às mulheres cabia, apenas, ensinar os ofícios para que se tornasse uma boa dona de casa, considerando-as, neste cenário, uma colaboradora ou uma servidora do homem. Características representativas de uma sociedade que não valorizava a mulher para outros fins que não fosse servir o lar, o esposo e os filhos. Quando fugiam ou tentavam subverter este cenário, eram, em grande parte, professoras do ensino primário, uma figura materna e doce, conhecedora dos cuidados necessários para com as crianças (SOUZA, 2017, p.17).

Havendo a necessidade de uma educação melhorada para a zona rural, visto que as escolas isoladas apresentavam condições mínimas para a realização de atividades, o Governo, então, criou uma nova modalidade de escola, os Grupos Escolares, que visava uma nova concepção de escola rural, apresentando uma nova estruturação de ensino junto a uma inovação pedagógica. Os grupos escolares rurais propunham conteúdos específicos para o trabalho agrícola, novas tendências pedagógicas e ainda contava com um diretor, responsável pela organização administrativa e pedagógica. A grande inovação foi que ao invés dos alunos ficarem todos em uma única sala de aula, como na escola isolada, eles foram distribuídos em classes segundo seus conhecimentos.

Segundo Lourenço Filho:

[...] toma o nome de “escolas-reunidas”, se poucas classes possui; de “grupo escolar”, se as mantém numerosas. Aqui, o prédio oferece melhores condições de conforto e higiene, mesmo quando adaptado. As classes

apresentam, em geral, efetivo menos numeroso que o das escolas isoladas, e os alunos se distribuem por elas, segundo os respectivos graus de adiantamento. A um dos professores, seja sem regência da classe, ou também com encargos de ensino, entrega-se a responsabilidade do conjunto. O material é menos precário. Aí temos a escola comum nos meios urbanos (LOURENÇO FILHO, 1940, p. 658).

Nesse contexto das escolas rurais, no Norte do Paraná, podemos notar que houve a criação das escolas rurais como forma de combater o êxodo rural. A expansão das modalidades escolar, as mudanças em relação ao cenário dessas escolas, tanto no meio pedagógico como em termos de instalações, foram algumas medidas estabelecidas por políticas governamentais na busca por amenizar as precariedades do ensino rural. Essa questão educacional rural continuou a ser debatida nas décadas seguintes.

Na próxima seção apresentaremos a metodologia que orientou essa pesquisa.

#### **HISTÓRIA ORAL: BREVES CONSIDERAÇÕES**

O ato de ouvir exige humildade de quem ouve. E a humildade está nisso: saber, não com a cabeça, mas com o coração, que é possível que o outro veja mundos que nós não vemos (ALVES, 2008, p. 32).

Ao mobilizarmos a metodologia de pesquisa História Oral, constituímos narrativas a partir dos depoimentos de pessoas que vivenciaram de alguma forma os acontecimentos do objeto de estudo. Para tanto, este trabalho envolve, a princípio, a necessidade de encontrar colaboradores, elaborar roteiros de entrevistas, realizar as entrevistas, transcrevê-las e textualizá-las, legitimar as narrativas produzidas a partir das gravações orais, obter cartas de cessão de direitos dos colaboradores, e por fim, analisar as narrativas criadas.

Segundo Garnica (2003),

A História Oral pauta-se nos depoimentos orais recolhidos das pessoas particularmente significativas para o problema focado pelo pesquisador, centrando-se mais especificamente em um conjunto limitado de temas – distintamente do que se faz, por exemplo, na História Oral de Vida, outra modalidade desse mesmo método, que pretende abarcar as experiências vivenciadas pelos depoentes, por eles relatadas sem a imposição prévia de limitantes ou temas específicos. Pretende-se, na História Oral, reconstruir “aspectos” da vida dos entrevistados, auscultar partes de experiências de vida, em recortes previamente selecionados pelo pesquisador (GARNICA, 2003, p. 32).

Esse autor nos coloca, também, a importância das narrativas para o processo de interpretação e afirma que “as narrativas orais, registradas em momentos de entrevista, são as matérias-primas por excelência de todo um processo hermenêutico que, entretanto, não dispensa narrativas outras, como por exemplo, as escritas” (GARNICA, 2014, p. 58). E por narrativas, compreendemos:

[...] a experiência estruturada como relato, como um contar, como forma de construir sentidos (um sentido para o si-próprio – aquele que narra, narra-se ao mesmo tempo que narra algo – e um sentido para o que é narrado) a partir de ações cravadas no tempo, usando a descrição sobre algo, alguém ou sobre si próprio (biografia) (GARNICA, 2012, p.340).

Para Tizzo, Flugge e Silva (2015, p. 890), “a narrativa pode ser compreendida como uma reconstrução de experiências”, cada narrativa carrega significados entre o lembrado e o vivido, o sonhado e o conquistado, sobressaem as reflexões sobre o que foi experimentado. Por experiência entendemos o que afirma Larrosa (2002), “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (p. 21), é o que nos transforma de algum modo. Por meio dos pressupostos teórico-metodológicos da História Oral, nesta pesquisa, registramos as narrativas orais do nosso grupo de colaboradores.

Após realizar as entrevistas, seguimos alguns procedimentos que são necessários para dar continuidade à pesquisa, tais como, a transcrição, a textualização e as autorizações de uso do material por meio das cartas de cessão. Para realizar essas práticas, buscamos apoio na literatura que trata da História Oral na Educação Matemática: “a transcrição é o nome que damos à transformação do registro sonoro em texto fiel” (VIANNA, 2014, p. 75), assim o texto escrito conserva as marcas da oralidade. A transcrição pode ser entendida, ainda, de acordo com Garnica (2014), como sendo o “primeiro momento de transformação da narrativa oral em texto escrito” (p. 58).

Após executar a transcrição se faz a textualização, Vianna (2014) também se refere à textualização e coloca ao leitor que se trata do momento em que se “transforma a entrevista de ‘língua falada’ em um texto de ‘língua escrita’, um texto que terá a estrutura, o formato e o grau de elaboração conceitual e técnico que lhe possa ser dado pelo autor” (p. 76). Para Garnica (2008, p. 156), a textualização “compõe-se de vários momentos, indo desde a simples ‘limpeza’, retirando os ‘vícios’ de linguagem, podendo passar por reorganização de informações transcritas [...] a chamada transcrição”. As negociações que nos permitem ter esse material cedido para a pesquisa determinam, sobretudo a partir das textualizações, o momento em que os colaboradores, por meio da carta de cessão, autorizam e cedem a

narrativa escrita para o pesquisador. Vianna (2014) afirma que as textualizações, ao serem cedidas e autorizadas por meio de um documento, se tornam propriedade do autor da textualização.

Desta forma, a narrativa constituída a partir dessas negociações, não é mais a entrevista, nem a gravação e nem a transcrição. O que se tem nesse momento é a fonte constituída, que está repleta de novos significados, produzidas em coautoria entre pesquisador e colaborador.

Diante dessas considerações sobre a perspectiva teórico-metodológica da História Oral é relevante mencionar que este trabalho busca se pautar nesses princípios e traz concepções e elementos importantes para a compreensão da primeira década de funcionamento da Casa Escolar, a partir das narrativas das ex-alunas.

Neste trabalho, então, a História Oral, que permite que as versões sejam constituídas a partir da narrativa de experiências vividas por pessoas, permitiu estudar a implantação e o desenvolvimento de uma Casa Escolar Rural sob o ponto de vista de quem vivenciou a primeira década de funcionamento dessa escola. Finalizando essas breves considerações teórico-metodológicas, é essencial salientar a dimensão subjetiva, parcial e situada em qualquer escuta. A recepção de memórias está ligada à capacidade de acolher do pesquisador, as vivências e escolhas de cada pesquisador repercutem, sem dúvida, nas interpretações possíveis de uma mesma narrativa.

#### **A CONSTRUÇÃO DE UMA HISTÓRIA**

O grupo de colaboradores para as entrevistas foi escolhido a partir de pessoas que vivenciaram, de alguma maneira, a primeira década de funcionamento da Casa Escolar Lourenço Ormenezze (1961-1971) e nele havia três ex-alunas: Lídia Rosa de Paula Guerra, Maria Rosa de Oliveira e Deise Aparecida Fogati Castelani<sup>1</sup>.

As entrevistas foram realizadas no dia 17 de julho de 2017, com a Maria Rosa na parte da manhã e com a Lídia na parte da tarde; e no dia 22 de julho de 2017 com a colaboradora Deise. Todas elas são moradoras do Bairro Rural Ormenezze.

Foram essas as mulheres ex-alunas que se dispuseram a colaborar com este trabalho nos cedendo às entrevistas. Cada entrevista gerou uma textualização, considerada por nós como uma narrativa. As colaboradoras receberam, cada uma, a textualização da sua

---

<sup>1</sup> Os nomes das colaboradoras apresentados nesta pesquisa são nomes verídicos e foram autorizados por elas para fins de uso na pesquisa e publicações decorrentes dela.

entrevista, fizeram a leitura e os apontamentos até que se chegasse à versão que nos foi cedida, para uso na pesquisa, por meio de assinatura das cartas de cessão de direitos.

### **A ESCOLA DA DEISE, DA LÍDIA E DA MARIA ROSA**

[...] o que eu quero dizer a você, por último, é que necessitamos de uma língua na qual falar e escutar, ler e escrever seja uma experiência. Singular e singularizadora, plural e pluralizadora, ativa, mas bem pessoal, na qual algo nos aconteça, incerta, que não esteja normatizada por nosso saber, nem por nosso poder, nem por nossa vontade, que nunca saibamos de antemão aonde nos leva (LARROSA, 2016, p. 72).

Como era a Casa Escolar? Como era o ensino nessa escola? Qual era a rotina dessas alunas? O que era ensinado para os alunos? Como era estudar numa escola isolada rural? Essas indagações nos fizeram refletir sobre o ensino nas escolas isoladas rurais nas falas de nossas depoentes ex-alunas.

As histórias de vida das nossas colaboradoras (ex-alunas) que acabaram surgindo durante as entrevistas, mostram como era o acesso à educação. Elas narraram às experiências vividas numa escola isolada rural, que nos permitiu disparar uma interpretação para aquele espaço e tempo.

As narrativas das ex-alunas contam sobre o modo como era o ensino da época, as regras e as punições do sistema de ensino, o modo como os professores procediam para ensinar as turmas multisseriadas, suas relações com os professores, os aspectos estruturais da Casa Escolar, as dificuldades perante a procura de uma educação rural.

A comparação com os dias atuais contribui para se produzir as memórias sobre as escolas rurais do passado como mais precárias, mas também para criticar as escolas e os alunos do presente. A partir desses relatos, podemos aprender vários aspectos dessas escolas isoladas rurais, como espaço físico, a materialidade, as práticas escolares e os métodos de ensino utilizado. Era comum essas escolas funcionarem em casa, porões de fazendas ou até mesmo no quintal da casa da professora. Segundo Maria Rosa, “*a Casa Escolar era uma casa de madeira, na qual se dividia uma única sala de aula e junto à casa da primeira professora*”<sup>2</sup>. Na perspectiva dos significados atribuídos à escola rural e ao seu entorno, a ex-aluna Deise empresta novos sentidos à escola de seu tempo, assim se manifestando:

*“A escola era uma casa modesta, assim, de madeira, bem simples, tinha janelas de vidro, não tinha varanda, tinha uma única sala de*

---

<sup>2</sup> Neste trabalho, toda vez que as frases surgirem em itálico e entre aspas se referem aos recortes das textualizações das entrevistas das colaboradoras.

*aula, era simples. Na sala de aula tinha um quadro, no qual a professora repartia para todas as séries e uma mesinha lá na frente que a professora dava aula, era o que nós tínhamos!”*

A Casa Escolar Lourenço Ormenezze inaugurada em 1961, no Bairro Ormenezze, em Bandeirantes - PR compõem os traços da história da educação campesina, essas ex-alunas, em seu tempo, contam uma história como tantas outras por aí a espera de serem ouvidas. A ex-aluna Maria Rosa, daquele tempo, lembra-se da sala de aula, da escola anteriormente nominada, depondo que:

*“A sala de aula era dividida em 4 fileiras, as carteiras eram duplas, sentava de dois alunos juntos, quatro fileiras de carteira dupla, os alunos eram divididos em 3ª série, 4ª série, dividia por fileira, cada fileira era uma série”.*

Observamos que as recordações das ex-alunas incluem obstáculos enfrentados como o próprio caminho para a escola, os materiais didáticos utilizados, a merenda e a estrutura física da escola. Alguns andavam muito para chegar à escola, a pé ou a cavalo, pois residiam em sítios afastados. Essa dificuldade, segundo elas, acabava por prejudicar a concentração nas aulas. O caminho era com muita lama, no período das chuvas, e muita poeira, no calor. Conforme as memórias de Deise *“a professora morava distante da escola, em outro bairro, e ela ia de a pé dar aulas, e eu também saía de casa, eu e meu irmão, de a pé para estudar”.* Maria Rosa lembra: *“a merenda dos alunos era feita pelos próprios alunos e pela professora, o fogão era de lenha feito no porão da escola, os alunos buscavam água no poço e a lenha para o fogão, para fazer o lanche”.*

A figura da professora era muito respeitada. Na comunidade, uma referência de conduta e de exemplo era a da professora, que era conselheira, confidente e educadora. Entretanto, tamanho respeito se transformava, também, em sentimentos de medo e repressão. Sobre a relação aluno e professor é notório o respeito e juntamente o medo, a ex-aluna Lídia nos conta *“a relação dos alunos com o professor era de muito respeito, havia também aqueles alunos que gostavam da bagunça, mas a maioria eram crianças vergonhosas, tímidas, que tinham medo, medo da professora”.*

As narrativas denunciam um aprendizado baseado na repetição como elementos do método decorativo, o ensino independia do aluno, pois este não tinha o poder de contestar e nem de dar a sua opinião. No caso, cabia ao aluno à função da “aprendizagem” decorativa e ao professor a função do ensino direto e sem delongas, com objetivo de fixação.

Ainda com relação ao método de ensino e de aprendizagem, Deise nos narra as suas lembranças das aulas de matemática, aparentando que naquela época o ensino de matemática se constituía por contas e a tão decorada tabuada:

*“As aulas de matemática era assim, a professora ensinava a tabuada e a gente tinha que estudar em casa, no outro dia na aula ela tomava a tabuada de cada aluno, passava conta no quadro e a gente tinha que ir no quadro resolver”! Se não soubesse ficava de castigo! Então para não ficar de castigo estudávamos a tabuada e como se diz “ia na ponta da língua”!*

Essa escola rural, além de cumprir seu papel com os conteúdos, tinha outros valores e condutas a serem inculcados, para além do que compunha o currículo. O castigo físico e as punições constituem outro elemento que compunham as práticas educativas. Dessa forma, rememora a ex-aluna Deise:

*“[...] ela tomava toda a lição, se não soubesse ficava de castigo! O castigo era ir lá à frente ao quadro, às vezes tinha que ficar de joelho no milho ou em pé perto da professora. Então, tinha que estudar para poder passar!” [...] Naquela época tinha muito respeito, a gente tinha respeito pela professora, tínhamos medo também, porque, a professora: ‘Nossa!’”.*

Por outro lado, as depoentes lembram com saudosismo dos rituais de início de atividades, marcadas pelo hasteamento da bandeira do Brasil, do hino nacional e da oração, e também dos recursos didáticos e materiais de que se dispunham na época. A ex-aluna Lídia, relembra da rotina do dia-a-dia: *“Cantávamos o Hino Nacional todo dia do lado de fora da escola. Era tudo muito cheio de respeito, sinto muita falta daquele tempo”.*



**Figura 1:** Alunos e professora em frente à escola, bandeira nacional hasteada.

Fonte: Acervo da escola

As palavras da ex-aluna Lídia podem ser reconhecidas na imagem acima, em que os alunos e a professora estão do lado de fora da escola, provavelmente cantam (ou se preparam para cantar) o hino, a bandeira do Brasil está hasteada, a professora se encontra na porta de entrada da sala de aula.

As ex-alunas em suas narrativas fazem referência ao uso de cartilhas pelas professoras, quando se lembram, citam até mesmo as lições que estudavam. Maria Rosa lembra de ter usado uma cartilha: *“Nas aulas usávamos a cartilha, cartilha do BABÁ, hoje não usa mais cartilha”*. Tal cartilha teve centenas de edições e era direcionada para a alfabetização rápida, fazia parte de uma série de iniciativas públicas de fixação de conteúdos.

Alguns indícios nos permitem verificar a presença de métodos de ensino diversos, destacando-se o método individual, em que cada aluno copiava seu dever e a professora ia de carteira em carteira para atender, possivelmente por tratar-se de uma escola multisseriada. Deise nos conta que em alguns casos *“a professora passava tudo no quadro, de cada série, a gente tinha que copiar no caderno e responder”*.

E ainda a ex-aluna Maria Rosa enfatiza que embora tudo fosse muito dificultoso, por falta de materiais e por ser um ensino multisseriado: *“o ensino era bom, mesmo com toda dificuldade que a professora tinha para ensinar quatro séries juntas, eu acho que nós aprendíamos mais, porque havia respeito com o professor”*.

Por certo algumas características da escola isolada rural, tais como, o material didático, modos de ensinar, castigos físicos representam marcas que povoam a memória de uma geração de alunos, mais especificamente as memórias dessas três ex-alunas. Dessa forma, as práticas escolares são marcas para o entendimento da cultura escolar particularmente no que se refere à formação desses indivíduos.

As escolas rurais foram planejadas e construídas com sala de aula e com área para o desenvolvimento das ações pedagógicas que se constituíram espaços específicos sistematizados para o ensino tipicamente rural.

Aqui, nesta análise, três ex-alunas, estabelecendo contrapontos por meio dos laços do passado com o presente, criam um desenho de uma pequena escola rural, que se refaz por meio de traços memoriais, reforçando-os com a vivacidade, com as inúmeras e mais diversificadas sensações e os significados que elas captaram do mundo vivenciado. Falaram da escola e da educação rural com sons destoantes. Deram-lhe um sentido de pluralismo, de dinamismo, de hibridismo.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Ouvir essas ex-alunas representou, entre outros aspectos, um exercício de alteridade, o deslocar-se do presente e dos referenciais da literatura para compreender um tempo e um lugar distante – uma Casa Escolar Rural - que buscávamos fazer evocar pela memória. Memória que é marcada pelas vivências e pela subjetividade, mas indissociável do caráter social e coletivo que lhe é intrínseco.

Ao lembrar e contar, nossas colaboradoras recriavam as vivências do passado a partir dos referenciais do presente, dando sentido ou ressignificando o próprio passado a partir das experiências de lembrar e narrar. É nesse sentido que para cada ex-aluna a representação da escola estava relacionada a uma dimensão maior do que o simples fato de estudar, aquela escola do meio rural era sinônimo de luta e conquista, tais elementos se sobressaem na narrativa delas.

Pelas memórias dessas mulheres é possível compreender uma história daquela Casa Escolar, em cada palavra podemos refletir sobre as dificuldades enfrentadas para o acesso à educação em suas saudosas lembranças vivenciada naquela escola do meio rural com características humildes. A partir dos relatos disparados é perceptível a luta de algumas professoras para promover para aquele povo uma educação, superando os variados obstáculos, as dificuldades de um ensino multisseriado e poucos recursos.

Nas narrativas das ex-alunas são ressaltadas, também, as punições de uma época, o controle dos corpos que nos faz pensar que tudo naquela época funcionava devidamente, as prescrições, obrigações e controles, e ainda o olhar que as famílias tinham sobre a escola, por meio das prescrições que os pais desfiavam para seus filhos antes de ir à escola.

As memórias ressurgidas sob forma de narrativas das discentes, percebemos que abrangem diferentes elementos que fizeram parte da escolarização individual e coletiva, permitindo pinçar fatos compartilhados como: a importância da escola para aquela comunidade, as práticas educativas, os saberes ensinados e os materiais utilizados, as rotinas e as punições.

Narramos à história de ex-alunas de uma escola rural, suas experiências vividas numa escola isolada rural que nos permitiram (re)construir cotidianos, aspectos da vida comunitária e, especialmente, escolar. Essas ex-alunas inscreveram sobre sua infância escolar de um espaço e um tempo da cultura escolar dessas aulas isoladas rurais. Portanto, finalizamos este trabalho utilizando das palavras de Lopes (2016, p. 133), que afirma que “essas histórias

apenas dizem de um lugar. De um chão. De uma realidade. Mas de um modo ou outro, essa é a realidade de muitas escolas, de muitos professores, de muitos alunos. Uma realidade estampada pelo Brasil afora.”

## REFERÊNCIAS

- ALVES, R. Ostra feliz não faz pérola. 1. ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2008.
- ESCOLANO, Agustin, (1998). Arquitetura como programa. Espaçoscola e currículo. In: ESCOLANO, A. e VIÑAO Frago, A. *Currículo, espaço e subjetividade. A arquitetura como programa*. Rio de Janeiro: DP&A Editora. Tradução Alfredo Veiga-Neto.
- FARIA FILHO, L. M. de; VIDAL, D. G. Os Tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. In: **Revista Brasileira de Educação**, nº.14, 2000.
- GARNICA, A. V. M. **A experiência do labirinto: metodologia, história oral e educação matemática**. São Paulo: Unesp, 2008.
- GARNICA, A. V. M. O pulo do sapo: narrativas, história oral, insubordinação e educação matemática. In: D'AMBROSIO, B. S. & LOPES, C. A. E. **Vertentes da subversão na produção científica em Educação Matemática**. Campinas: Mercado de Letras, 2015, p. 181-206.
- GARNICA, A. V. M. Cartografias Contemporâneas: mapear a formação de professores de Matemática. In: GARNICA, A. V. M. (Org.) **Cartografias contemporâneas: mapeando a formação de professores de Matemática no Brasil**. Curitiba: Appris, 2014. p. 39-66.
- GARNICA, A.V. M. Estacas em paisagens móveis: um ensaio a partir da narrativa de três professores de Matemática. In: TEIXEIRA, I. A. C. et. al. (Org.). **Viver e contar: experiências e práticas de professores de matemática**. São Paulo: Livraria da Física, 2012. p. 331-347.
- GARNICA, A.V.M. História Oral e Educação Matemática: de um inventário a uma regulação. In: **Revista Zetetiké**, pp. 9-55, vol. 11, n. 19, Janeiro/Junho, 2003.
- LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.
- LOPES, R. M. G. **Histórias de uma pesquisa(dora) em uma escola do campo com professores que lecionam Matemática**. 2016. 143 p. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2016.
- LOURENÇO, FILHO. Alguns aspectos da educação primária. **Revista Brasileira de Estatística**, Rio de Janeiro, out.-dez. 1940, n. 4, p.649-664.

SOUZA, G. S. **Memórias da primeira década de funcionamento da Casa Escolar Rural Ormeneze: uma narrativa**. 2017. p. 93 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Licenciatura em Matemática. Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

SCHELBAUER, A. R.; GONÇALVES NETO, W. Ensino primário no meio rural paranaense: em foco as escolas de trabalhadores rurais e de pescadores entre as décadas de 30 e 50 do século XX. In: **Cadernos de história da educação**. Vol. 12, n1, p.83-107, jan/jun. 2013.

TIZZO, V. S.; FLUGGE, F. G.; SILVA, H. Práticas Possíveis com a História Oral na Formação Inicial de Professores (de Matemática). **BOLEMA**, Rio Claro, v. 29, n. 53, p. 887-908, 2015.

VIANNA, C. R. Sem título. In: GARNICA, A. V. M. (Org.). **Cartografias contemporâneas: mapeando a formação de professores de Matemática no Brasil**. Curitiba: Appris, 2014. p. 67-85.